

CHEGO ATÉ A JANELA E NÃO VEJO O MUNDO



Foto: Giorgio D'Onofrio

Espectáculo leva ao palco o encontro entre Graciliano Ramos e Nise da Silveira na prisão. Com direção e dramaturgia de Gabriela Mellão e João Wady Cury, permanece até dia 14 no Itaú Cultural, SP, em temporada gratuita



Fotos: Giorgio D'Onofrio



O encontro da psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) e do escritor Graciliano Ramos (1892-1953) na prisão em 1936, durante a Era Vargas, é tema da peça *“Chego até a janela e não vejo o mundo”*. Os dois alagoanos, que até então não se conheciam, iniciam uma amizade que extrapola o cárcere e seria levada até a morte do escritor, anos depois.

A obra parte da história real, o encontro entre esses dois personagens da história brasileira, e segue o caminho da ficção. *“Para contar essa história vivida por Nise e Graciliano, abordar o horror da perseguição política e a beleza da amizade nascida entre grades, ressaltamos a cumplicidade criada no claustro entre eles, sem abrir mão de uma narrativa onírica e poética de um lado, e também aterrorizante e delirante do outro”*, conta Gabriela Mellão.

Quando foram presos, os dois estavam em momentos diferentes da carreira. Graciliano já tinha publicado *“Caetés”* (1933) e *“São Bernardo”* (1934), além de ter sido prefeito de Palmeira dos Índios e diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo equivalente a Secretário Estadual da Educação. Já Nise da Silveira trabalhava no Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental do Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, após ter concluído uma especialização em psiquiatria.

A maneira com que Nise e Graciliano se relacionam evidencia o modo como eles viam a vida. São duas personalidades muito diferentes que compartilham o interesse pelas questões humanas e voltam suas atenções aos que estão à margem do sistema. A experiência da prisão, uma imersão neste universo, reafirma

o caminho escolhido por eles ao mesmo tempo em que ressalta a importância do afeto para o homem em circunstâncias adversas.

O encarceramento gerou impactos diferentes em cada um. *“Graciliano publicou livros logo ao sair da prisão, filiou-se ao Partido Comunista, foi candidato a deputado e relatou sua experiência em “Memórias do Cárcere”, publicado postumamente. Nise, ao contrário, passou oito anos escondida no interior da Bahia por medo de ser presa novamente. Só retomou a sua carreira em 1944, quando a perseguição política do Estado Novo foi amenizada”*, acrescenta o diretor e dramaturgo.

Nesse cenário, *“Chego até a janela e não vejo o mundo”* é um elogio à liberdade que busca retratar de uma maneira simbólica o horror da Era Vargas e da perseguição política. As pesquisas realizadas para o espetáculo apontam que nem o escritor, nem a psiquiatra foram torturados. No entanto, o simples fato de estarem em um ambiente violento foi suficiente para marcar definitivamente as vidas dos dois alagoanos – e o texto evoca isso.

SOBRE A ENCENAÇÃO

Foi durante o isolamento social vivido por João Wady Cury e Gabriela Mellão na pandemia de Covid-19 que nasceu a peça. A estratégia adotada pela dupla para mergulhar o máximo possível na psiquê desses personagens envolveu uma constante troca de correspondências entre os dois dramaturgos, Mellão como Nise e Cury como Graciliano Ramos. A partir daí, começaram a elaborar a dramaturgia.

Simone Iliescu e Erom Cordeiro dão vida a essas figuras icônicas. Já o clima que transita entre o afetuoso e o aterrorizante é criado por meio da iluminação de Aline Santini, do cenário de Camila Schmidt e da trilha sonora original de Federico Puppi.

SOBRE O ENCONTRO

Nise e Graciliano estiveram presos praticamente no mesmo período, entre os anos de 1936 e 1937. Foram apresentados por um amigo comum, justamente por serem alagoanos, em uma situação curiosa narrada em *“Memórias do Cárcere”*, quando precisaram se encarapitar para se ver. A partir daquele momento, iniciou-se uma profícua amizade baseada na cumplicidade das grades. Nos poucos momentos em que puderam se encontrar, fosse nos banhos de sol ou mesmo na enfermaria da prisão, passaram a conversar sobre assuntos de interesse comum – é importante lembrar que homens e mulheres ficavam em alas separadas, apesar de muitas vezes contíguas. Graciliano e Nise, além de terem em comum o Estado de Alagoas, comungavam do interesse no ser humano.

SOBRE GRACILIANO RAMOS

Primogênito de 16 irmãos, Graciliano Ramos nasceu em 1892 em Quebrangulo (AL). Casou-se aos 23 anos com Maria Augusta de Barros, com quem teve quatro filhos: Márcio, Júnio, Múcio e Maria Augusta, que recebe o nome de sua mãe, falecida no parto. Em 1928, casa-se com Heloisa Leite de Medeiro, em 20 de março de 1953, com quem também tem quatro filhos.

Além de ser um romancista, contista e cronista notável, o autor de *“Vidas Secas”*, *“Memórias do Cárcere”*, entre outras obras-primas da literatura brasileira, foi jornalista, tradutor e teve uma série de cargos públicos, incluindo o de Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro.

SOBRE NISE DA SILVEIRA

Nise da Silveira nasceu em 1905, em Maceió (AL). Entre 1921 e 1926, foi a única mulher dentre os 157 alunos da turma na Faculdade de Medicina na Bahia. Especializando-se em Psiquiatria, lutou contra as formas agressivas de tratamento existentes na época, como internação, eletrochoques e lobotomia.

Nise revolucionou o tratamento psiquiátrico no Brasil com a inserção da arte na vida dos internos em manicômios. Em 1952, funda o Museu de Imagens do Inconsciente, um Centro de Estudo e de Pesquisa, ainda em atividade, que reúne as obras de atividades produzidas nos ateliês. Parte do trabalho é exibido no II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique, em 1957, a convite de C.G. Jung.

O interesse do fundador da psicologia analítica e da psiquiatra brasileira pela expressividade do inconsciente em pinturas e desenhos sob a forma de mandalas aproxima-os. Além de se corresponderem, Nise viaja algumas vezes à Suíça para visitar e estudar no Instituto C.G. Jung em Zurique. Em 1955 ela forma o Grupo de Estudos C.G. Jung no Brasil.

SERVIÇO

Chego Até a Janela e Não Vejo o Mundo

Até 14 de abril

Sala Itaú Cultural – Piso Térreo

Avenida Paulista, 149, São Paulo / SP

Dias/Horários: de quinta-feira a sábado, às 20h, domingos e feriados, às 19h

Duração: 70 min aproximadamente | *Capacidade:* 224 lugares

Classificação Indicativa: 16 anos

Entrada gratuita

Reservas de ingressos pela plataforma INTI – acesso pelo site do Itaú Cultural: www.itaucultural.org.br